

THE GHOST AND MRS. MUIR / 1947

(*O Fantasma Apaixonado*)

um filme de Joseph L. Mankiewicz

Realização: Joseph L. Mankiewicz / **Argumento:** Philip Dunne, baseado num romance de R. A. Dick / **Fotografia:** Charles Lang / **Direção Artística:** Richard Day e George W. Davis / **Décors:** Thomas Litte e Stuart A. Reiss / **Guarda-Roupa:** Oleg Cassini, Eleanor Behm e Charles Le Maire / **Música:** Bernard Herrmann / **Montagem:** Dorothy Spencer / **Interpretação:** Gene Tierney (Lucy), Rex Harrison (o fantasma do capitão Daniel Gregg), George Sanders (Miles Fairley), Edna Best (Martha), Vanessa Brown (Anna), Anna Lee (Mrs. Fairley), Robert Coote (Coombe), Nathalie Wood (Anna, quando criança).

Produção: Fred Kohlmar para a 20th Century-Fox / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 104 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, a 26 de Junho de 1947 / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli, a 20 de Outubro de 1947.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

Vi este filme, pela primeira vez, ainda não tinha 13 anos, no Tivoli. Mas vamos ao filme. A Mrs Muir do título é Gene Tierney, nos anos de **Laura**, de **Leave Her To Heaven**, de **Dragonwyck**, nos anos em que mais Gene Tierney foi, mulher patchuli, mulher asfódelo. Mr Muir - quem quer que tenha sido - nunca o conhecemos. Morreu antes do filme começar, de um flato ou de coisa parecida, deixando-lhe a cara e o corpo magníficos envoltos em crepes, como em crepes se envolviam as viúvas inglesas do princípio do século, tempo e país do início da acção. A adivinhar pela família com quem a deixou a viver (sogra e cunhadas) nem ela nem nós perdemos grande coisa. Mas deixou-lhe uma filha de sete anos, papel confiado à criança que então era Natalie Wood.

Para fugir a essa casa londrina, casa de um morto, casa de mortos, decide Mrs Muir, com enorme escândalo da família, mudar de ares e mudar de mares, levando-se a ela, à filha e à criada (Edna Best) para uma praia sobre o Atlântico, onde, de noite, o vento assobiava nas frinchas de madeiras velhas e onde brenhas de ondas se batiam contra os penhascos. Das muitas casas que lhe mostraram nenhuma a convence. E só quis a casa que não lhe queriam mostrar, porque - dizia-se - estava assombrada pela alma penada do Capitão Gregg que nela se suicidara. O fantasma não assusta Lucy Muir. Um fantasma é o medo que a gente tem dele. E o medo do desejo não é medo de Gene Tierney. Por isso, na casa, ama tudo o que nela ficou do capitão: o óculo na varanda do quarto dele, o bezerro dourado que trouxe de uma das suas muitas viagens, o retrato dele toscamente pintado, fardado de lobo de mar, com um sorriso entre o sarcástico e o diabólico.

Uma mulher em sombra (o luto, os véus) troca um morto por um fantasma. E se o morto a quisera enterrar viva (em Londres) o fantasma vai e vem do mar, atravessa-lhe as janelas e propõe-lhe a mágica dissolução, tão mágica como esse plano, entre todos mágico, em que, na primeira noite passada na velha casa, Mrs Muir acorda e vê o mar através da janela, essa janela

que fechara antes e que durante o sono se abriu. E, quando já tem a certeza que ele está ali, Mrs Muir desencadeia a aparição. Levanta-se, vai à cozinha e risca um fósforo para acender o lume. As luzes todas apagam-se, a trovoadas e os relâmpagos começam. E é nesse momento que ela diz: "I know you are there", E Rex Harrison surge diante dela, malcriadíssimo como só Rex Harrison soube ser, para uma discussão nada metafísica sobre o direito de qualquer deles à posse exclusiva da casa. Fantasma de desejo, Harrison é também fantasma da violação (de desejo da violação) donde a agressividade irónica das relações entre eles.

E se Rex Harrison exige que o retrato dele volte para o quarto, que é agora quarto dela, Gene Tierney tapa-o quando se despe, escondendo a nudez da imagem em movimento ao olhar da imagem fixa.

É depois que começa, nos muitos encontros com o fantasma, a felicidade dela, tão mais intensa quanto mais necrófila e solitária. "I'm so happy", diz. Debalde, o fantasma lhe responde que tudo quanto ela vê é uma ilusão, "like a blasted lantern slide". Debalde, o fantasma lhe diz que "I'm here because you believe I'm here". Essa ilusão, essa crença, são o mundo de Mrs Muir, tanto como o mar e a praia, ou tanto como a música "off" (que também está ali e não está ali) uma das mais geniais partituras do genial Bernard Herrmann (dêem-me só essa música e já todo o filme vem atrás).

Quando o Capitão lhe diz que é uma ilusão, Mrs Muir responde que "It's not very convincing, but I suppose it's all right". E ilusão não é o livro que o Capitão lhe dita, memórias de marinheiro escritas por uma mulher. "What they didn't know about life would fill an encyclopaedia". E, entre as muitas coisas que ela não sabia, está essa palavra que dá origem a uma das mais prodigiosas fintas jamais feitas aos códigos dos bons tempos de Hollywood. O capitão dita-a, sem que o ouçamos. Ela pára de escrever à máquina, cora e recusa-se a escrevê-la. O capitão berra e insulta. A câmara coloca-se em frente de Gene Tierney e, dedo a dedo, hesitantemente, esta procura, letra a letra, a palavra que tem quatro. E quem se lembra do teclado AZERT, não tem muita dificuldade, seguindo-lhe os movimentos, em saber que ela começou no F e acabou no K. Foi a primeira vez que esta palavra, não aparecendo, apareceu num filme. Como o fantasma. Exactamente como o fantasma, também fantasma dela.

O livro faz Mrs Muir voltar a Londres. O livro publica-se, não fantomaticamente. E Londres e o livro vão trazer ao filme o terceiro "morto": o escritorzeco Miles Fairley (George Sanders). Há sempre um momento em que, no reino dos mortos, alguém se volta para trás, à busca de uma imagem mais "real". E Gene Tierney inicia o seu terceiro "love affair", com a fraca réplica do capitão, que é a presença sedutora de George Sanders. O fantasma começa por o tentar expulsar. Depois, rende-se à vida, no seu segundo "suicídio". E é enquanto ela dorme ("Ah! Comme Gene Tierney est belle quand elle dort!") que Rex Harrison se vem despedir dela, na mais bela sequência de sempre da história de Hollywood. "Oh, Lucia (a voz de Harrison, a música de Herrmann) you are so little and so lovely". Depois, recita-lhe Keats ("Ode to a Nightingale") e fala-lhe de como teria gostado de a levar a ver o sol da meia-noite, os fiordes da Noruega. "What you have missed, Lucia, by being born too late to travel the Seven Seas with me! And what I've missed too". Depois, ele que, antes, num momento em que ela demasiado se aproximou dele, lhe dissera rudemente: "Keep your distance, madam", inclina-se para ela num quase beijo que, de novo, interrompe. E afasta-se para a janela e para o óculo, que nunca mais vai poder ver o invisível. No sol da manhã seguinte, o capitão desapareceu da vida e da casa de Lucia Muir.

Mas com ele - pouco depois dele - desaparece também George Sanders. Quando Gene Tierney o vem buscar a terra firme (a casa dele) descobre que esse outro "sonho" ocultava a dura realidade de uma banal mentira e de uma banal mediocridade (Sanders era casado e a sua história uma história contada a muitas e passada com muitas). Daí para diante não há mais homens - vivos ou mortos - na vida de Mrs Muir.

E o tempo começa a passar muito depressa. Depressa envelhece Mrs Muir. Depressa a filha cresce e a filha casa, para só então contar à mãe que ela também, em criança, vira o fantasma. E depressa chega uma tarde (um fim de tarde) em que Mrs Muir, de cabelos brancos, se sente muito cansada e pede à criada um copo de leite. Não o chega a beber. O copo escorrega-lhe das mãos e Mrs Muir morre, agasalhada, na cadeira em frente ao mar em que sempre se sentou. A imagem desdobra-se. E os dois fantasmas - o dele e o dela, como foram quando eram - ficam a olhar para a velha morta. Depois, descem as escadas de mãos dadas e depois abrem a porta e desaparecem, entre a música, no meio da névoa.

"I have been half in love with easeful Death ... / Was it a vision or a waking dream?" (Keats).

De todas as artes, o cinema é a mais onírica. E essa dimensão nunca existiu tanto como nos filmes "germanizados" ou "germanizantes" feitos em Hollywood nos "forties". Joseph L. Mankiewicz não era alemão, mas descendia de alemães e na Alemanha se formou. Toda a sua vida, procurou o cinema total. Apesar de muitas outras obras-primas, nunca esteve tão perto, como neste filme de que disse recordar sobretudo, "o vento, o mar e a procura de qualquer coisa de diferente". "E as decepções que se tem".

Não há filme mais triste. Não há filme mais bonito. Deixem-me ficar ao pé da mulher que nasceu tarde de mais para atravessar os sete mares e para ver o sol da meia-noite. Deixem-me ficar ao pé do capitão que morreu cedo de mais para a poder beijar ou para poder deitar-se com ela. Ou deixem-me acreditar que não há cedo nem tarde e que o único amor que existe - porque é o único em que acreditamos que existe - é o **amor surreal**, esse que Rex Harrison e Gene Tierney encontram no final, quando desaparecem na névoa, atravessada a última porta.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico